

# A CONTRIBUIÇÃO CULTURAL DO ROMANCE OS DESVALIDOS NO REGIONALISMO

MORAIS, Graciana Santana Santos

MORAIS, Vera Lúcia Jesus

SANTOS; Ana Carla Costa  
[Anajoelma4@hotmail.com](mailto:Anajoelma4@hotmail.com)

SANTOS, Gustavo André (Orientador)  
Graduado em Letras-Português/Inglês,  
Profº. do Curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT  
gandresantos@oi.com.br

## RESUMO:

Este artigo teve como objeto de estudo analisar a contribuição cultural da cultura regionalista, na obra 'Os Desvalidos', do escritor sergipano Francisco José Costa Dantas. O escritor nasceu em Riachão do Dantas, interior de Sergipe, em 1941. Defendeu uma tese de mestrado e outro de doutorado em Letras e foi professor da Universidade Federal de Sergipe. Deu aulas regulares de Literatura Brasileira em Berkeley (Universidade da Califórnia), em 2002, no mesmo ano em que recebeu o Prêmio de Literatura Românica. Em 1991, publica Coivara da Memória, em 1993 Os Desvalidos; em 1999 A mulher no romance de Eça de Queirós. Dantas é um escritor que consegue fundir em seus romances o que de melhor se produziu no gênero regionalista nordestino, retratando alguns dos seus problemas de uma determinada região do nordeste. Em seu romance “Os Desvalidos”, o escritor retrata o problema da miséria, da seca, da oligarquia, e um dos fatores principais fatores no qual o romance retrata é a injustiça social, sendo, portanto uma literatura de denúncia.

Palavras-chave: Os Desvalidos, Regionalismo, Francisco Dantas, Literatura, Nordeste.

O Modernismo no Brasil foi um movimento literário e artístico que inteiraram várias tendências já existentes, baseadas na valorização da vida nacional e na exaltação do pensamento moderno, sendo um período de inquietação, insatisfação, contradição e desequilíbrio a partir daí surgiram movimentos artísticos voltados para uma nova interpretação e expressão da realidade, ficando conhecidos como vanguarda européia, exercendo uma considerável influência sobre o Modernismo brasileiro, tendo como vanguardas mais importantes: Futurismo, Dadaísmo, Surrealismo. A fase heróica do Modernismo foi especialmente rica de aventuras experimentais tanto na área da poesia quanto na ficção.

O contexto histórico do Modernismo começaria com o fortalecimento do poder dos políticos a partir da política do café – com – leite, que girava em torno de São Paulo e Minas Gerais, esse fortalecimento ficou conhecido como a Política do café – com – leite, que permaneceria até 1930.

Esse movimento teve início com a realização da Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo, nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, sendo idealizado por um grupo de artistas, a Semana teve a intenção de colocar a cultura brasileira a par das correntes de vanguardas do pensamento europeu, e pregava ao mesmo tempo a tomada de consciência da realidade brasileira. No que se seguiram a apresentações de números de músicas e declamações, na segunda parte houve a conferência de Renald de Carvalho, a pintura e a escultura Moderna no Brasil. Na segunda noite (dia 15), o ponto mais alto da Semana, Menotti Del Picchia pronunciou a sua conferência, que foi no momento de perturbada pela vaia do público. No último dia (dia 17), houve a apresentação da música de Vila Lobos.

A Semana de Arte Moderna é um momento que trata de uma série de atividades artísticas realizadas em São Paulo com grande alarde, no intuito de provocar escândalo,

ocorrido esse fato os participantes pretendiam chamar atenção do público para as novas manifestações. Esse tipo de manifestação foi ao mesmo tempo, o ponto de encontro de tendências que desde a Primeira Guerra Mundial vinham se firmando em São Paulo e Rio de Janeiro.

Com a Primeira Guerra Mundial, que foi de 1914-1918, São Paulo conheceu e vivenciou um rápido processo de industrialização e urbanização, e obteve um número considerável de imigrantes europeus (principalmente os italianos).

Dentro do período Modernista brasileiro, dentre os escritores desse movimento destacou-se Graça Aranha (1868-1931, celebrado como romancista (*Canaã* 1902), membro da Academia Brasileira de Letras e diplomata viveu na Europa de 1900 a 1921, conhecendo de perto a agitação intelectual de *ebelle époque* e assimilando (ou procurando assimilar) o sentido geral de renovação literária que continuou através da grande guerra. É inigualável a influência francesa nas suas concepções estéticas, principalmente na preocupação com o espírito moderno, idéia popularizado pelo futurismo e desenvolvida por Apollinaire e que, após a morte deste, motivou a fundação da revista *Esprit*. Graça Aranha chegou ao Brasil pregando justamente o espírito moderno, título, aliás, de sua conferência na Academia Brasileira de Letras (A.B.L), em 1924 e do livro onde ela aparece, em 1925. Foi em Outubro de 1921 que Graça Aranha chegou ao Brasil, trazendo a notícia do “Congrés” que os dadaístas e os puristas haviam programado para maio de 1922. Como informa Mário da Silva Brito, um artigo de Cândido Mota Filho, elogiando a *Estética da vida*, 1921, chamou a atenção dos novos sobre Graça Aranha que, em novembro, já estava programado, para o início do ano seguinte, centenário de independência de Brasil, a realização da Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo. Até esse momento os modernistas tinham lutado sozinhos, sem o patrocínio de nenhuma valiosa tutela. Graça Aranha aderindo ao movimento, que já

havia eclodido sem o seu concurso, trazia aos jovens a considerável vantagem de um nome de larga ressonância nacional, diz Mário da Silva Brito.

Realmente as preocupações modernistas se documentavam desde 1920, quando os novos eram conhecidos por futuristas e viviam no centro de São Paulo, de grande população italiana, onde as idéias de Marinetti deviam causar bastante repercussão. Mas parece que o nome da Semana de Arte Moderna foi mesmo escolhido por Graça Aranha, que devia saber da programação do Congresso do Espírito Moderno para março de 1922, tanto que a nossa Semana foi marcada antecipadamente para fevereiro.

A Semana de Arte Moderna foi um duplo vértice histórico, convergência de idéias estéticos do passado, apurados e substituídos pelas novas teorias européias (futurismo, expressionismo, cubismo e espiritonovismo); e também ponto de partida para as conquistas da literatura brasileira neste século.

No ano do vigésimo aniversário da Semana de Arte Moderna, Edgard Cavalheiro, juntou depoimentos para a história do Modernismo, Mário de Andrade descreveu sua participação no movimento, mas não deixou que esse texto fosse publicado. Pode-se dizer que o Movimento Modernista constituiu realmente a primeira história do Modernismo, vinte anos depois de uma perspectiva puramente pessoal. Esse documento, portanto, forma o vértice de um triângulo teórico, cujas bases são o Prefácio e A Escrava que não é Isaura.

Sendo assim pode – se chamar a prosa de 1930 de Neo-Realista, tal como foi aplicado no século XIX, influenciado pelo cientificismo e nacionalismo inflexível. Os romancistas pós – modernos optaram por uma um aprofundamento das relações. Outro elemento que integra a ficção desse período é o fator emocional das personagens. Tristão de Ataíde dividiu a produção literária brasileira do século XX em quatro períodos: Pré-Modernismo (1902 – 1922); Modernismo (1922 – 1930); Pós – Modernismo ou Segunda

Geração (1930 – 1945); e o Modernismo ou Terceira Geração (1945 -...), ou ainda Literatura Contemporânea. Se a Primeira fase da Literatura foi chamada de fase de destruição a Segunda tem sido denominada de fase de construção, pois ocorreu aproveitamento das conquistas da geração anterior, especialmente as formas e um maior adensamento do tema. Há três tipos de ficção desenvolvidos pelo Neo – Realismo pós – moderno: Prosa urbana – cultivada desde o romance brasileiro, focalizando o homem da cidade e seus conflitos sociais; Prosa do regionalismo nordestino – o ciclo do regionalismo nordestino é um dos principais da prosa dessa geração. São apontados inúmeros problemas de um Nordeste decadente desde que o pólo cultural e político do Brasil se transferira para o Sul. A miséria, as relações do homem do povo com o poder e com os poderosos, a hostilidade com o meio estéril e ingrato, o descaso com os políticos.

Prosa intimista – é aquela que se detem nos processos psicológicos das personagens. A dimensão das idéias de Sigmund Freud e de outras correntes da psicologia. Em função do predomínio da temática agrária, ou rural, generalizou-se o conceito de romance regionalista, para indicar as obras de ficção produzidas a partir de 1930, ou de 1928 com a publicação de *A Bagaceira* de José Américo de Almeida, que inaugura o referido ciclo, e a sua importância deve-se a temática da seca, retirantes e engenho e ao caráter social do romance do que aos valores estéticos.

As transformações vividas pelo país com a Revolução de 1930 e o conseqüente questionamento das tradicionais oligarquias, os efeitos da crise econômica mundial, os choques ideológicos levando a posição mais definida e engajada, formam um campo propício ao desenvolvimento de um romance caracterizado pela denúncia social, verdadeiro documento da realidade social brasileira, atingindo um elevado grau de tensão nas relações do eu com o mundo. O primeiro momento respectivo do regionalismo, que teve como ponto de partida o Manifesto Regionalista de 1926.

Os primeiros sinais do novo curso estético da literatura apareceram no Recife, em 1926, durante o I Congresso Brasileiro de Regionalismo. Foi então, com efeito, que publicou o Manifesto de 1926. Inspirado pelo sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre, o Manifesto parecia opor-se, efetivamente, por suas premissas regionalistas e sua valorização do elemento negro, considerado como base da civilização nacional, ao indianismo.

Cientista de formação norte-americana, espírito largo, escritor fascinante Gilberto Freyre, exercerá durante os anos seguintes, com suas obras e seus atos, enorme influência sobre os prosadores (José Lins do Rego) e poetas (Jorge de Lima) seus contemporâneos. O mais célebre de seus livros de sociologia, *Casa – Grande e Senzala* (1933), estuda como anuncia o subtítulo do livro, a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, investigação que se desenvolverá de forma orgânica e continua nas seguintes obras, *Sobrados Macanibas*, 1936; *O mundo que o português criou* 1940; *Vida, forma e cor*, 1962. É dessa linguagem que sairá, nos anos 30, o grupo de textos narrativos e sociológicos conhecidos pelo nome de *Literatura do Nordeste*. Uma Literatura importante também no plano formal, pois os neo-realistas não desdenharão nenhuma das novas técnicas narrativas: estilo oral, construção e montagem cinematográficas, expressionismo verbal.

José Américo de Almeida (1887-1980), político ensaísta (*A Paraíba e seus problemas*, 1922), costuma ser considerado o iniciador do romance nordestino, moderno, tradicionalista e regionalista (nesse caso específico, a faixa de território que vai do Ceará a Sergipe). É o autor, em 1928, do romance regionalista *A Bagaceira*, mas ainda permanece ligado a forma expressiva tradicional. Da linhagem de Euclides da Cunha, recusa-se a expressão oral porque “o povo fala mal, e escrever é um meio de disciplinar e construir”. Esse romance era tornar-se uma verdadeira mina de temas literários para os escritores. Pois é aí que, pela primeira vez, encontraram-se estilizados em literatura certos pares de termos opostos e característicos.

A existência de uma literatura nordestina talvez se deva ao fato de que os críticos de literatura ainda não introjetaram o conceito de diversidade na própria idéia do que é a literatura brasileira. Deve-se também lembrar que os nordestinos a tornaram conhecida menos pelo desejo de fazer existir uma literatura nordestina em si e mais por fazer uso da realidade social e ficcional da região, como atesta a produção dos seus escritores das primeiras décadas do século. Mesmo a poesia, que mais prontamente se ambientou aos moldes do modernismo, o fez à luz dos elementos da cultura regional, quer para contestar o europeísmo dos primeiros, quer para afirmar-se como segmento diferenciado na defesa de uma identidade nacional diversa, como se verifica no modernismo-tradicionalista de Gilberto Freyre.

O programa de literatura do projeto Nordeste irá destacar as obras que se desvencilharam dos grilhões de uma estética tradicional, optando por aquelas que tenham como objeto de linguagem as estruturas perceptivas de uma comunicação mais próxima da vida contemporânea, tanto ficcional, quanto poética, partindo, única e exclusivamente, da produção literária da década de 90 e firmando a atenção nas obras, em detrimento da importância dos autores em suas épocas distintas. O livro, além disso, não deverá ser exposto em sua forma convencional (estantes); estará ali não para ser visto, mas, sobretudo para ser tocado e lido. Se há aqui um conceito, é o do prazer reflexivo, aquele que apela para a sensibilidade (tátil, visual, auditiva). O livro menos como produto e mais como personagem. Já na literatura sergipana, em face de condições e circunstâncias peculiares ao nosso espaço – cultura, não se estruturaram algumas correntes literárias alienígenas, como é o caso do indianismo e do realismo – naturalismo. Como é periférico o estado de Sergipe, em termo geográfico e literário, distante dos centros culturais que nortearam a literatura brasileira, compreendendo perfeitamente a desatualização quase sempre havida no que concerne à adoção de princípios e correntes estéticas. Para que se tenha uma idéia desse atraso, até certo ponto natural basta se ter em mente o seguinte fato: em 1836, quando, oficialmente, se

inaugura o Romantismo na literatura brasileira, os poetas sergipanos ensaiavam seus primeiros passos, todos eles presos aos cânones do Arcadismo, historicamente ultrapassando em todas as latitudes.

Só em 1948, surge a primeira tentativa de transição para o Romantismo, através de prelúdios poéticos. A Semana de Arte Moderna, marco histórico do Modernismo brasileiro esperaria cerca de sete anos para lograr a versão sergipana na, Noite da Poesia Moderna: encontra-se nesse tipo de literatura sergipana, as raízes da discutida Escola Condoreira do Recife, muito antes dessa Escola, escritores sergipanos compuseram poesias em estilo huguano, sob a égide do estanciano José Maria Gomes de Souza, tendo como seguidores Elzário Pinto, Tobias Barreto, e outros.

No século atual em meados de 1933, surge outro movimento literário de contornos regionais à sombra da poesia de José Sampaio, ponto alto do Modernismo em Sergipe. Não tivemos em Sergipe tradições ou correntes literárias definidas. Floresceram e frutificaram tendências literárias e coordenadas estéticas, alguns das quais constituem aspectos “sui generis” no contexto nacional.

Didaticamente, podemos dividir a literatura sergipana em oito fases distintas a saber: Arcádia, romântica, Parnasiana, Simbolista, Neo-parnasiana, Modernista, Pós-modernista. O romance *Os Desvalidos*, publicado pelo escritor sergipano Francisco José Costa Dantas em 1993, ambientado nos anos 30, está longe do maquinaísmo algo que seja de forma simples, abdicando do ideário regionalista veiculado por Gilberto Freire e José Lins do Rego e, aplica-se ao mesmo tempo, a estudar e a observar, através da sofisticada técnica narrativa, a gente simples do interior de Sergipe e seus valores, sua tradições, seus hábitos lingüísticos, sua dimensão humana. Em outros termos, os romances do referido autor realizam-se como obra de arte literária, não como documentos sociológicos ou antropológicos, com isso, em outros termos não se afirma dizer que os problemas sociais e

regionais estejam ausentes no romance. Contudo a especificidade estética é alcançada, a primeiro plano, sendo através da especialidade intrínseca da arte literária que se legitimam e se problematizam os valores atemporais da condição humana, existindo uma luta pela sobrevivência e tensões, assim como a busca do amor: de Deus, do eu e do outro, vincam tanto o sertanejo e o homem simples dos rincões perdidos como o homem que habita na cidade, seja cosmopolita das contradições de classe.

A literatura de Francisco José Costa Dantas, seria uma representativa de um constante basilar da tradição brasileira que é aproveitada criticamente, de várias maneiras, por uma produção literária contemporânea. Os romances do autor exploram outras tensas relações esboçadas já no Romantismo brasileiro e acirradas pelo Modernismo e pelo panorama contemporâneo: regionalismo e universalismo; localismo e cosmopolitismo; nacionalismo e estrangeirismo; eticismo e estericismo, etc.

A ficção regionalista volta-se para a denúncia social, o que é acessível tanto nos romances nordestinos de 30, quanto nos romances de Dantas, ressalvadas a distância estética e temporal.

Para José Aderaldo Catello, em seu livro *Regionalismo brasileiro*. Uma derivada do nacionalismo romântico, o mesmo aponta, na evolução do regionalismo brasileiro, que a tendência no processo de maturidade, é para as grandes sínteses, como as que evidenciam em obras como *Fogo Morto*, de José Lins do Rego; *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, o crítico procede à conclusão de seu breve estudo oferecendo uma conceituação de regionalismo que complementa a perspectiva de José Maurício Gomes de Almeida: No caso brasileiro é derivação ou vertente de ideologia nacionalista, com a qual ao mesmo tempo se confunde. Se for certo, compreendemo-la na sua expressão literária como geradora de observações, registros, reflexões e recriações artísticas, idealizadas ou não, da relação homem/ terra em determinados espaços do complexo nacional,

visando à investigação da vida humana em termos de conflitos, sobrevivência, cultura, sem prejuízo da investigação social ou do próprio destino humano.

Parece claro, que o suporte nitidamente regionalista proposto por Castello se aplica às duas obras iniciais de Francisco J.C. Dantas, *Coivara da memória* e *Os Desvalidos*, pois estas são representativas da relação homem / terra em determinados espaços. Mas também é evidente que os outros requisitos aventados pelo crítico lhes dizem respeito, uma vez que ambas tendem para as grandes sínteses.

A lição de Antônio Cândido, 'Literatura e desenvolvimento', caracteriza o regionalismo como uma etapa necessária, que fez a literatura, sobretudo o romance e o conto, focalizar a realidade local. Em seguida o crítico apresenta a divisão do regionalismo brasileiro em duas fases: a primeira, refletindo a consciência amena de atraso, corresponde ao regionalismo romântico, que nunca produziu obras consideradas de primeiro plano. Os melhores produtos da ficção brasileira sempre urbanos. A segunda fase é marcada pelo despertar da catastrófica consciência do subdesenvolvimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A obra *Os Desvalidos*, de Francisco José Costa Dantas teve como proposta para a realização desse projeto, o resgate da cultura popular nordestina, mais especificamente a sergipana, de acordo com a sua realidade.

Esse tema foi de fundamental importância, para o nosso conhecimento, só assim aprendemos um pouco mais sobre os escritores sergipanos e um pouco mais sobre a literatura de Sergipe. E, ao mesmo tempo tentamos retratar um pouco mais sobre alguns problemas que ocorrem no interior da região do nordeste.

Tais elementos naturais contribuíram para enfatizar e incorporar um estudo científico do comportamento e da comunicação. Considerando as relações com o meio social e natural, o romance *Os Desvalidos* narra algumas características típicas do interior do nordeste, como por exemplo, a injustiça social que é mostrada de uma maneira bem visível. Desta maneira, levando em conta os aspectos do regionalismo nordestino, projeto de pesquisa se justifica na importância de focar a cultura popular e os aspectos da realidade vivida pelo sergipano, e em consequência a influência na literatura.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 34<sup>a</sup> ed. Editora Cultrix. São Paulo, 1994.

MARTINS, Wilson. *A literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix. 1916-1945, 2<sup>a</sup> ed. São Paulo.

MASSAUD, Moisés. *Aliteratura através dos textos*. São Paulo: Editora Cultrix, 20<sup>a</sup> ed. 1997-1999.